

## COQUEIJO COSTA, O JUIZ E O HOMEM (\*)

Ministro Carlos Mário Velloso (\*\*)

Cercado do carinho de sua mulher Aydil, dos seus familiares e dos seus amigos, faleceu na Bahia, no dia 20 de janeiro próximo passado, o Ministro CARLOS COQUEIJO TORREÃO DA COSTA, do Tribunal Superior do Trabalho.

Magistrado, jurista, professor universitário, autor de festejadas obras jurídicas, jornalista, poeta, músico, compositor, COQUEIJO COSTA, um homem de talento, em tudo o que fez pôs a marca de sua inteligência fulgurante.

Eu o conheci ainda antes de ingressar nesta Casa. Estando em Brasília, como examinador de um dos concursos de Juiz Federal, fui convidado para almoço na residência do Ministro Jarbas Nobre, no bloco "A" da SQS 316. Distraidamente, fui bater na porta de **Coqueijo**, que no mesmo prédio residia. Por coincidência, lá se encontrava o juiz e professor Paulo Emilio Ribeiro de Vilhena, meu conterrâneo e amigo, que me apresentou a **Coqueijo**. Depois, almoçando com o Ministro Jarbas Nobre, contei-lhe o ocorrido. Jarbas, então, discorreu, elogiosamente, sobre a personalidade de **Coqueijo**, do **Coqueijo** juiz, jurista, professor e, sobretudo, do **Coqueijo** poeta, compositor e músico. Posteriormente, como membro do TFR, fui residir no bloco "A" da SQS 316. Por intermédio, então, do Ministro Peçanha Martins, que lá morava, aproximei-me de **Coqueijo** e fizemos amizade, que o tempo se encarregou de solidificar.

**Coqueijo Costa** foi, na verdade, tudo o que quis ser: foi dos maiores juízes do Brasil. No Tribunal do Trabalho da Bahia, sua terra natal, ninguém o superava; no Tribunal Superior do Trabalho, os seus votos fizeram escola e lhe grangearam a estima, o respeito e a admiração de seus colegas e dos advogados brasileiros. **Coqueijo** presidiu o Regional baiano e o Tribunal Superior do Trabalho. Revelou-se, então, notável administrador, que sabia prever para prover. Na Presidência do TST, contou com a colaboração, que, no discurso que proferiu por ocasião do término do seu mandato, declarou ter sido inestimável, de sua mulher e colaboradora, "**da musa mais terna e dedicada, Aydil de nome**", na observação feliz de Jorge Amado, ao prefaciar "**Mais Dia, Menos Dia**", livro de crônicas de **Coqueijo** (Editora Itapuã, Salvador, BA, 1972).

Como juiz, **Coqueijo** alcançou renome internacional: foi membro do Tribunal Administrativo da Organização dos Estados Americanos (OEA), com sede em Washington, DC, nos Estados Unidos.

---

(\*) Na sessão do dia 01.02.88, em que o Tribunal Federal de Recursos prestou homenagem à memória do Ministro **Coqueijo Costa**, que integrava o Tribunal Superior do Trabalho, o Ministro Carlos Mário Velloso proferiu as seguintes palavras:

(\*\*) Ministro do Tribunal Federal de Recursos.

Professor universitário, ensinou nas Faculdades de Direito da Universidade da Bahia e da Universidade de Brasília (UnB). Jurista de escol, escreveu magníficos livros: "Ação Rescisória", editado pela LTr, encontra-se na 5.ª edição; o seu "Mandado de Segurança e Controle Constitucional", também da LTr, já deu mais de uma edição; "O Direito Processual do Trabalho e o CPC de 1973", da Editora LTr, é obra de consulta obrigatória; e o seu "Direito Processual do Trabalho", editado pela Forense, com cerca de novecentas páginas, encontra-se em 2.ª edição. Artigos de doutrina jurídica, **Coqueijo** escreveu um grande número, que estão publicados em revistas especializadas.

Conferencista de fama, **Coqueijo** era muito requisitado por universidades e instituições culturais, do Brasil e do estrangeiro. Chegara, recentemente, dos Estados Unidos e da Costa Rica, onde proferira conferências sobre temas jurídicos de sua especialidade.

**Coqueijo** foi membro da Academia Brasileira de Letras Jurídicas e integrou a Academia Internacional de Direito Econômico e Economia.

Ele, entretanto, não sabia somente Direito, mesmo porque o jurista que é apenas jurista "é uma pobre e triste coisa" (Stammler). **Coqueijo** foi, também, poeta. Aliás, ao morrer, morreu como um poeta: pressentindo que morreria, disse a Aydil, sua "amiga e companheira, doçura de viver" — as palavras são de **Coqueijo** e constam da dedicatória do seu livro de crônicas, "Mais Dia, Menos Dia" — que bom, doce e suave é morrer ao lado de Aydil.

É de Jorge Amado o registro, que "esse tão numeroso **Coqueijo** é, em verdade, um poeta, um poeta livre e verdadeiro: nada o limita nem impede que se dê por completo, cidadão modelar, à obra de cultura", "poeta que se realiza em beleza profunda nas suas composições,..." (Jorge Amado, "prefácio" cit.).

**Coqueijo** também foi músico: com engenho e arte dedilhava o violão; e foi compositor de lindas canções, canções que o povo canta; amigo de Carlos Drummond de Andrade, pôs música na poesia do poeta maior. E foi amigo de Vinícius de Moraes, de Caymmi, de Caribé, de Jener, de Mário Cravo, de Celestino, de Alcivando, de João Gilberto, de Baden, de Chico Buarque de Holanda — e é bom que cessem as citações, senão seria um citar de nomes sem fim.

Na Bahia, enquanto lá residiu, **Coqueijo** de tudo participava, a ponto de Jorge Amado chamá-lo de Comandante Coqueijo, porque vivia ele a arregimentar os seus amigos para tudo que fosse movimento cultural. Aliás, de mais de um romance de Jorge Amado, **Coqueijo** é personagem.

A característica do homem de talento, de inteligência brilhante, é mesmo esta: ele está sempre em movimento, é versátil, no sentido de que tem qualidades variadas e numerosas, é capaz de fazer tudo o que deseja, não é preconceituoso, e tudo o que faz, faz bem feito. **Coqueijo**, enquanto viveu, fez prova disto.

Amigo incomparável, presente nos momentos de alegria e, sobretudo, na adversidade, **Coqueijo** fez uma legião de amigos. Humano, profundamente humano, sofria quando não podia ajudar aos necessitados. Lembro-me de gesto seu,

no mês de dezembro do ano passado, num dos nossos passeios de domingo à tarde, quando aproveitávamos, **Coqueijo**, o professor e ministro Roberto Rosas e eu, para trocar idéias, "**bater papo**", conversar amenidades e tomar um café no aeroporto de Brasília. Pois num desses passeios, talvez o último que fizemos, fomos abordados por um homem pobre, que nos pedia um auxílio. Procuramos pelos "**trocados**". **Coqueijo**, buscando dinheiro no bolso, dinheiro que, naquela tarde, não levava consigo, frustrado, dava explicações ao necessitado: meu amigo, acredite-me, não tenho nenhum dinheiro aqui, se tivesse eu lhe daria, pode acreditar.

Esses pequenos gestos, marcados pela espontaneidade, revelam o caráter do homem.

Quantas e quantas vezes, no nosso prédio, **Coqueijo** e Aydil, os dois juntos, à noite, sem alarde, escondidamente, iam à garagem e à portaria alimentar os empregados mais humildes. Ao chegarmos das férias, no dia 30 último, ainda bem não estacionara o meu automóvel, quando um dos porteiros se acercou de mim e de Ângela, minha mulher, exclamando: perdemos o nosso protetor, o Ministro **Coqueijo**. Naquele momento, diante daquela manifestação tão sincera de um homem humilde, o melhor que fizemos foi também chorar de saudade do amigo que se fora.

**Coqueijo** amava os bichos. Dizia ele que o homem civilizado, culto, tem carinho pelos animais, porque estes também têm direito à vida. Bem disse Antônio Olinto, "**ninguém os amou tão largamente. Poderia ter escrito um livro, que ficaria na literatura brasileira, sobre seu franciscano sentimento de amor aos animais.**" Não sabemos como ficará a Aparecida, um papagaio que gostava de se empoleirar no ombro de **Coqueijo** e com quem **Coqueijo** conversava coisas sérias.

Numa crônica escrita em 1966, **Coqueijo** conta a morte de um passarinho, uma história linda que começa assim: "**Se alguém chora baixinho — é passarinho. Quem ama de mansinho, com a paz de claustro, a quietude de paredes conventuais, a unção de hora de ave-maria — é passarinho. Passarinho é coisa frágil, alada, que fala piando e só beija as flores.**"

Temos que reconhecer: isso é poesia pura e somente a faz "**um menino passarinho com vontade de voar.**"

Meu avô, o finado Carlos Velloso, homem do interior de Minas, que cultivava a filosofia capioa das Gerais, costumava dizer: homem que não gosta de bicho e de criança não é coisa que presta.

Pois **Coqueijo** amava os bichos e amava as crianças. De uma feita, disse-me ele, apreciando um pugilo de meninos e meninas a brincar, numa gritaria sem par, no pátio da escola que fica bem ao lado do nosso prédio, que aquilo parecia uma algazarra de pássaros, gostoso de ver e de ouvir.

Assim foi **Coqueijo**, um homem que sabia viver e que vivia alegremente. Que foi, sobretudo, um homem bom, solidário, pronto a ajudar o seu semelhante, e que não se conformava com a bondade passiva, porque a queria ativa, atuante, fincada no amor pelas criaturas de Deus. Do seu livro, "**Mais Dia, Menos Dia**",

recolho de **Coqueijo** esta conclamação, que fecha a sua crônica sobre o Natal, publicada no dia 24 de dezembro de 1965:

"Ricos e pobres, pretos e brancos, homens e mulheres, vamos dar um pouco de tudo, com fúria santa. O que se compra nas lojas e o que se tem na alma. De preferência, essa mercadoria preciosa, gratuita, que não deteriora, não envelhece, não se quebra nem se desgasta, que une, antes do que afasta, e que é simplesmente o amor pelas criaturas."

**Coqueijo se foi.** Aydil, sua adorável companheira, que viveu só para **Coqueijo**, continuará, estamos certos, a sua obra, ela que foi a sua grande e maior colaboradora.

Senhor Presidente, ouvida a Casa, proponho que constem da ata de nossos trabalhos estas palavras, como homenagem do Tribunal Federal de Recursos à memória do grande juiz e do notável homem que foi o Ministro **Coqueijo Costa**. E que se dê conhecimento desta homenagem à família, na pessoa de sua mulher, a Dra. Aydil Leite Coqueijo Costa, ao Tribunal Superior do Trabalho e ao Governo da Bahia.